

SINFONIA DOS LOUCOS

Licenciatura

14'

2010





Sinopse

Num futuro incerto, um casal rico e excêntrico encomenda um filho, um ser andróide que vive somente de música. O governador da cidade e a sua mulher têm uma filha surda; com o desgosto, este proíbe a música na cidade. Silêncio e Música encontram-se.

Ficha técnica

ATORES

Rui Mendes; Rosa Freitas;
Tiago Soares; Cátia Pinto;
Luís Soares; Diana Sousa; Isabel Pais;
Acúrsio Santos; Ricardo Almeida;
Maria Lamares; Bento de Melo;
Elsa Afonso; Ana Limão;
Maria João Cunha; Vasco Mendes

ARGUMENTO

Vasco Mendes

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA

Fernando Cabral; Eduarda Pinto

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Eduarda Pinto

ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO

Fernando Cabral

DIREÇÃO DE ARTE

Inês Caetano; Raquel Mendes; Vasco
Mendes; Isidro Manuel

DIREÇÃO

DE FOTOGRAFIA
Vasco Mendes

DIREÇÃO DE SOM

André Moura

GUARDA-ROUPA

Emília Mendes

MONTAGEM

Vasco Mendes

PRODUÇÃO

Vasco Mendes

REALIZAÇÃO

Vasco Mendes



Prémios e Exibições

ALTERNATIVE FILM/VIDEO FESTIVAL
IMPORTANT CINEMATIC WORK
Belgrado / Sérvia, 2010

CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS
Melhor Ensaio Visual

CINEMA AO AR LIVRE:
CURTAS-METRAGENS
Porto, 2011

CINESC
Lisboa, 2010

CONCURSO DE VIDEO DO INATEL
Menção Honrosa
2010

FEST
Espinho, 2011

MOSTRA UBICINEMA
FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC
Florianópolis / Brasil, 2015

MOSTRA UBICINEMA
MUSEU SOARES DOS REIS
Porto, 2012

MOSTRA UBICINEMA
TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA
2011

NEW YORK PORTUGUESE SHORT
FILM FESTIVAL IN RIO
Rio de Janeiro / Brasil, 2011

SEMANA DE CINE
EXPERIMENTAL DE MADRID
Espanha, 2011

SHORTCUTZ PORTO
Melhor filme de Maio
2011

UBICINEMA
Prémio do Público / Melhor Filme de
Licenciatura
2011

WIZ-ART: INTERNACIONAL
SHORT FILM FESTIVAL
Lviv / Ucrânia, 2011

O MUNDO ENQUADRADO POR VASCO MENDES: A PROPÓSITO DO SEU FILME DE ESTREIA, *SINFONIA DOS LOUCOS*

MARTA PINHO ALVES

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL





A música tem sido o lugar de partida e o destino do cinema de Vasco Mendes. Foi-o quando, ainda antes de ter decidido ser cineasta, roubou temporariamente a câmara que o avô guardava em casa para ir à *Festa do Avante* filmar um concerto de uma banda-tributo dos *Led Zeppelin*. É-o agora enquanto trabalha na realização de *videoclips* e de outras curtas sobre festivais de música e a cena musical nacional, que constituem já um vasto e diversificado portefólio, consultável em *The Framed World of Vasco*, *website* do realizador.

Frequentemente os filmes de Vasco Mendes obedecem a um registo operático, performativo, e é habitual ser o som a animar e a determinar as imagens. A música é o fio condutor e o mapa para esses territórios visuais. Talvez seja evidente que alguém que privilegia estes modos de construção criativa se dedique ao teledisco e, efetivamente, é já extensa a lista de trabalhos realizados por Mendes nesse domínio. Aí podem ser encontrados os *videoclips* realizados com os músicos Capicua, Linda Martini, Peixe:Avião ou White Haus, de entre vários outros, ou os relatos de festivais, entre os quais *Milhões em Festa* ou *Optimus Primavera Sound*. No entanto, o mesmo estilo de escrita fílmica é ensaiado noutros registos que incluem a publicidade, o documentário ou pequenos ensaios audiovisuais experimentais, tais como *Gira Saia* (2011) e *For Those Who Stay* (2012) .



Estes pressupostos estiveram também presentes no momento em que o autor definiu o projeto que viria a tornar-se o seu primeiro trabalho público, em 2010, intitulado *Sinfonia dos Loucos* (também conhecido por *Mozmad's Symphony*), entretanto múltiplas vezes exibido e premiado internacionalmente.

O filme começa expondo uma metrópole retro-futurista, de um tempo incerto, filmada a preto-e-branco. A torre da televisão berlinense combina-se com as ruas do Porto e com vários edifícios da arquitetura recente da cidade para compor o cenário. A este sobrepõem-se néons e ecrãs gigantes que exibem o rosto de um homem de ar sisudo e olhar oculto, e palavras de ordem: “Por um futuro sempre melhor do que o passado”, proclamam. Como registo sonoro, apenas o quase imperceptível e episódico arrastar da agulha de um gira-discos num vinil que chegou ao fim. De resto, o silêncio é notório, tornando-nos mais atentos às imagens. Ao longo de todo o filme, as palavras surgirão apenas em registo escrito, sobrepostas às imagens; em nenhum momento serão proferidas pelos habitantes da paisagem.



Em breve, algumas personagens ocuparão o ecrã. Uma jovem bela de cabelos claros, em contraluz, numa aparição fugaz. Depois um casal, que, de perfil, observando o horizonte, aparenta almejar o prometido futuro radioso. Sobre a jovem saberemos mais adiante. Sobre a dupla, perceberemos ser amante de música e aspirar a criar, mediante novas possibilidades técnico-científicas, um filho andróide, capaz de viver apenas de música. Do desejo dos melómanos, com o contributo da tecnologia, nasce Protoraggio Mozmad, corpo de homem, cabeça de bola de espelhos.

Com o nascimento de Protoraggio, o registo silencioso do filme é substituído pela música que acompanha as suas deambulações pela cidade. Os pais regojizam-se com a beleza do ser assim criado e das melodias que de si emanam. Num outro lugar, a jovem dos cabelos claros aparenta passividade enquanto alguém, a seu lado, executa uma peça musical ao piano.

Mais uma vez vemos o homem inexpressivo dos ecrãs gigantes, mas aqui já não mediado. Agora é de novo o silêncio que se impõe, não apenas pela ausência de som (quase total, não fora continuarmos a ouvir o leve murmurar da agulha na parte não impressa do vinil), mas pela palavra escrita na capa do livro lido pelo homem.

Voltamos à jovem mulher que sabemos agora chamar-se Anika. Percebemos, neste momento, que no seu mundo não há som, que é incapaz de ouvir. O homem de ar sisudo é seu pai e governa a cidade. Amargurado pela condição de sua filha, proíbe a música.

Em nome daquela proibição, um grupo de soldados andróides, que enverga uma insígnia em forma de clave de sol invertida, vigia e pune todos os que fruem da audição ou executam qualquer registo musical. A promissora sociedade converte-se agora num regime opressor. Os seus resistentes e opositores, que protestam nas ruas da cidade agora em tumulto, são violentamente agredidos e feitos prisioneiros.

Esta representação de uma sociedade distópica em que a música não pode ter lugar evoca diversas outras referências cinematográficas. Por demais evidente será o regresso à história de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, de 1953, brilhantemente filmada, quase década e meia depois (em 1966), por François Truffaut. Neste caso, era a literatura (e com esta, o pensamento crítico) que era banida e um exército de bombeiros, munido de lança-chamas, em vez de mangueiras, tinha como tarefa a sua extinção pelo fogo. Em *Sinfonia dos Loucos*, é todo e qualquer registo musical – até o da criança que assobia enquanto percorre o seu caminho – que é silenciado pelos soldados da clave de sol invertida. O que estes esquadrões têm em comum é a forma inexorável e maquínica (embora os do primeiro filme sejam compostos por homens e apenas os do segundo por máquinas) como se dedicam ao seu desígnio. E se no filme de Truffaut, Montag, o protagonista, começa por ser um deles e abandona essa condição após constatar a beleza e importância da leitura,



tornando-se um resistente, na história de Mendes, Protoraggio é desde a sua gênese a materialização da música estando, como tal, impossibilitado de existir face à ausência daquela.

Sinfonia dos Loucos recupera também *Alphaville*, *Une Étrange Aventure de Lemmy Caution* de Jean-Luc Godard, filmado um ano antes de *Fahrenheit 451*. Nesta história, as personagens habitam uma sociedade comandada pela ciência e pela lógica, em que os sentimentos foram abolidos. Para consolidar o novo *status quo*, diariamente, como declara a protagonista, palavras desaparecem e são substituídas por outras que expressam novas ideias. O que se pretende travar na história do filme que analisamos é também a destruição da linguagem, de uma linguagem de códigos particulares, diferentes da língua, mas apenas esta capaz de expressar algumas noções. E mais uma vez, se em *Alphaville* Natacha von Braun, guiada por Lemmy Caution, o detetive com a missão de destruir o sistema e restaurar os sentimentos, vai descobrindo gradualmente noções que antes lhe não pertenciam, como o “amor” ou a “consciência”, o protagonista de *Sinfonia dos Loucos* não consegue habitar um território do qual a música não seja parte integrante.

Protoraggio vê ameaçada a sua existência. Qual o lugar para um ser que vive apenas de música num local onde a mesma não mais existe? Quando a música é suprimida, a personagem entra em colapso. Enquanto continua o seu percurso pelas ruas da cidade, agora já não em êxtase produzido pela

sintonia com o registo musical, mas antes em agonia, a personagem evidencia uma nova natureza, agora exclusivamente carnal. Contrariamente a outras personagens cinematográficas, como Tetsuo, nos filmes homónimos de Shinya Tsukamoto, a degenerescência não se faz pela conversão de um ser orgânico num ser maquínico, mas precisamente pelo inverso. O herói de Mendes é um ser complexo que funde em perfeita harmonia uma dimensão natural e outra artificial, construída.

A ordem é retomada quando Protoraggio encontra Anika. Música e silêncio podem ser complementares, como nos lembra o filme com a alusão a John Cage e à sua peça 4' 33". As duas personagens enamoram-se uma da outra e dançam juntas, sorridentes.

O filme encerra-se com o protagonista novamente feliz nas ruas da metrópole. Filmado em contrapicado, este aparece próximo do céu, dotado de grande liberdade. Enquanto assistimos às suas últimas deambulações, nas quais vai evocando o encontro com a jovem, vemos Protoraggio oscilar entre a sua natureza humana e a sua condição de ser artificial. Mais uma vez, estas não se mostram antagónicas, mas como duas facetas do mesmo indivíduo. "A vida sem música seria um erro", aparece escrito a determinada altura no ecrã. A personagem representa ambas as dimensões, vida e música.

Para fazer *Sinfonia dos Loucos*, com uma duração de aproximadamente 10 minutos, Mendes terá contado, como acontece frequentemente numa primeira obra, com um orçamento reduzido (cerca de 800€). Para os cenários, utilizou locais públicos ou espaços cedidos por amigos e maioritariamente iluminação natural, de modo a não aumentar os custos. Para os efeitos visuais, em particular a sobreposição de alguns elementos às ruas da cidade do Porto, tirou partido dos recursos digitais de edição de imagem, já amplamente disponíveis a baixo preço. Na cena que parece a mais complexa e a que envolve mais recursos humanos e materiais, a da manifestação de rua, Mendes e a sua equipa recorreram ao registo de uma manifestação real, tendo-se infiltrado na mesma com os seus cartazes e palavras de ordem. A equipa a que aqui se alude foi essencialmente constituída por familiares e amigos do realizador. Os adereços e guarda-roupa foram também obtidos com poucos recursos, tendo, nuns casos, sido criados para o efeito, com o trabalho dedicado dos intervenientes (como no caso da indumentária dos soldados do silêncio), ou, noutros, fazendo já parte do arquivo pessoal do realizador e família.

Apesar de um percurso bastante profícuo, Vasco Mendes tem, como dissemos no início, dado atenção a outros géneros e formatos. Não se lhe conhece ainda outro trabalho ou projeto de narrativa ficcional na esteira deste primeiro filme. Sabemos, contudo, que os universos retro-futuristas distópicos alimentam o seu imaginário e que a música permanece um dos seus tropos fundamentais. Resta-nos apenas aguardar com ansiedade os novos mundos enquadrados por Vasco Mendes.

